

## **A REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL EM GRANDE SERTÃO: VEREDAS**

d.o.i. 10.13115/2236-1499v2n19p116

João Paulo Santos Silva (mestrando/UFS)<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho analisa como a identidade cultural se apresenta no romance *Grande Sertão: veredas* (1956), de João Guimarães Rosa (1908-1967), sobretudo na sua relação com o regionalismo. Para tanto, partiremos das discussões teóricas de Ribeiro (1996), Prado Jr. (2011), Debrun (1990), Bosi (2007), Candido (1999), Bolle (2004), Galvão (1986), Hall (2000) e Hollanda (2010) para rastreamos de que forma o romance trata da mestiçagem como elemento narrativo e de constituição da identidade nacional.

**Palavras-chave:** Mestiçagem; regionalismo; identidade; literatura brasileira; Guimarães Rosa.

**Abstract:** This paper analyzes how cultural identity is presented in the novel *Grande Sertão: veredas* (1956) by João Guimarães Rosa (1908-1967), especially in its relation with regionalism. In order to do so, we will start from the theoretical discussions of Ribeiro (1996), Prado Jr. (2011), Debrun (1990), Bosi (2007), Candido (1999), Bolle (2004), Galvão (1986), Hall (2000) and Hollanda Novel deals with miscigenation as a narrative and constitution element of national identity.

---

<sup>1</sup> Graduado em Letras Português (2014) pela Universidade Federal de Sergipe (*Campus Prof. Alberto Carvalho*), é mestrando em Letras – Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). É bolsista CAPES.

**Keywords:** Miscigenation; regionalism; identity; brazilian literature; Guimarães Rosa.

## **Introdução**

A maneira peculiar como se deu a formação do povo brasileiro foi objeto de reflexão de grandes estudiosos. A ensaística social do século XX procurou esclarecer os processos de conformação do Brasil. Com a irrupção do movimento modernista em 1922, essa questão passou a ser discutida também pela arte. Em *Macunaíma* (1928), de Mário de Andrade, vê-se que o brasileiro seria fruto de uma mistura de elementos étnicos e que isso apontaria para a sua “falta de caráter”, entendido como traço distintivo da identidade.

Mas é dessa confluência entre os grupos europeu, negro e o indígena que advém a gênese da formação brasileira: a mestiçagem. Caio Prado Jr. em *Formação do Brasil contemporâneo* aborda isso defendendo que a constituição brasileira como nação teria sido um fenômeno resultante da mestiçagem (PRADO, 2011, p. 102). Ademais, é da mescla do índio com o negro que surge o homem sertanejo (PRADO, 2011, p. 119).

Ora, parcela majoritária da população brasileira é formada por mestiços. Darcy Ribeiro, por seu turno, considera a mestiçagem como uma “forma definida de sociabilização” (RIBEIRO, 1996, p. 203). E,

*A Representação da Identidade Cultural...*

além disso, a vislumbra como positiva, vez que torna o povo brasileiro ímpar: “Somos um gênero humano novo, uma civilização que vai se apresentar ao mundo como outra coisa que o mundo ainda não viu; e creio que é uma coisa melhor, porque tem mais humanidade incorporada” (RIBEIRO, 1996, p. 203).

Se a formação do povo brasileiro ocorreu pela mestiçagem, interessa-nos saber de que maneira esse traço aparece na Literatura Brasileira. Fazer isso é, pois, esmiuçar a relação entre o objeto literário e o meio social em que é produzido. Assim, a alusão inicial ao modernismo ilustra a relevância desse movimento para revisarmos nossa própria história. O regionalismo, uma das vertentes desse período, ganha num primeiro momento um acento marxista com a emergência da prosa neorrealista da década de 1930. Interessava para esses escritores entender a problemática das desigualdades sociais. Obras como *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, e *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego, assinalam esse momento.

No entanto, o tom localista que regionalismo pode suscitar sofreu uma importante inflexão nas obras de Guimarães Rosa. O regional e o universal aqui se mesclam. A ocorrência de uma narrativa mítico-regional, apresentada numa releitura rosiana, em *Grande Sertão: veredas*, revela a mestiçagem em âmbito cultural, mas também aponta para a constante influência de um homem sertanejo, o protagonista Riobaldo, que possui os mesmos questionamentos inerentes a qualquer

### *A Representação da Identidade Cultural...*

homem. O medo, o amor, Deus e o Diabo, mito e realidade se confundem numa espécie de narrativa de reflexão filosófica acerca dos sentimentos humanos e da relação do ser humano como o mundo. O regionalismo sofreu, portanto, importante metamorfose com a obra rosiana. Segundo Bolle (2004):

Ao encenar os antagonismos sociais, inclusive as estruturas de dissimulação desses antagonismos – a arqueologia da servidão, a história da mão-de-obra, as relações entre cidade e sertão, o regime de desmandos, o problema social e a indagação sobre a identidade do ‘povo’ e da ‘nação’ -, Guimarães Rosa apresenta no seu romance elementos básicos da formação do país. Por meio da biografia de Riobaldo, inclusive sua história *familiar* e a ‘história de sua alma’, é contada uma história social do Brasil que, através desse enfoque micro-histórico e da perspectiva de dentro, ganha em concretude e profundidade (BOLLE, 2004, p. 377).

## **O regionalismo na literatura brasileira**

Para Bosi (2007), o regionalismo ao propor uma discussão sobre a conformação da identidade denuncia os desequilíbrios de uma sociedade desigual. Com efeito, o homem sertanejo seria uma expressão autêntica do caráter nacional diante das influências da ficção urbana. Foi, portanto, buscando materializar o regionalismo na literatura que os

*A Representação da Identidade Cultural...*

autores tenderam a registrar a fala sertaneja, evidenciando expressões e modos coloquiais no texto.

Ademais, a ambientação rural do enredo, assim como o delineamento de personagens típicas desses lugares emergiram como forma de suscitar esse tipo de literatura. Por essa conduta na produção literária os românticos, por exemplo, se caracterizaram pelo seu *descriptivismo*, pelo menos até certo ponto, do homem rústico. Prova disso é, segundo Bosi (2007), a *linguagem adjetivosa* de Bernardo Guimarães que se contrapõe ao regionalismo mais sóbrio de Taunay (*Inocência*) e à maestria de Jose de Alencar (*O Gaúcho, O Sertanejo*).

No entanto, o descriptivismo será plenamente trabalhado no sertanismo pelos naturalistas a exemplo de Inglês de Sousa e Adolfo Caminha, uma vez que seguiam o esquema determinista. Mas, conforme Bosi (2007), o melhor representante do regionalismo antes do Modernismo foi Simões Lopes Neto (*Contos gauchecos*).

Com o advento do Modernismo, o regionalismo assume um tom crítico que aliado às conquistas de liberdade da composição da obra daria à nossa literatura a *época de ouro do romance brasileiro*. Assim, esses autores estavam imbuídos de uma linguagem coloquial e de um engajamento social fruto de uma leitura marxista, ou neorrealista, da realidade brasileira, sobretudo no que diz respeito ao Nordeste marginalizado. Com publicação de *A Bagaceira* (1928), de José

*A Representação da Identidade Cultural...*

Américo de Almeida, tem início o regionalismo de 1930 que iria esmiuçar a problemática das mazelas dos excluídos. A prosa de Raquel de Queirós, de Jose Lins do Rego e de, sobretudo, Graciliano Ramos se debruçam sobre o nordestino, evidenciando, entre outros, a questão da seca.

Por outro lado, quando a vida rústica se internaliza na obra como princípios formais o regionalismo atinge um modelo estético-ideológico. A literatura de Guimarães Rosa é ilustrativa dessa concepção literária. O sertão não é apenas um espaço geográfico, mas também uma transcendência, isto é, ao sertanejo também cabe as reflexões políticas, sociais, filosóficas caras ao homem civilizado. O romance *Grande Sertão: veredas* traz a lume a fala de um ex-jagunço, Riobaldo, que narra sua história permeada de batalhas e também de uma história de um amor. A presença marcante de uma oralidade repleta de arcaísmos, neologismos e truncamento da sintaxe é o ponto de partida para as reflexões metafísicas aponta para o *regionalismo universalizante* rosiano.

Para Bolle (2004, p. 8), Riobaldo é visto como “um investigador dos discursos que falam da história do país”. O estudioso estabelece uma relação de reescrita entre *Os sertões* e o romance de Rosa, tratando este como romance de formação do Brasil: “A comparação do romance com os principais *ensaios de formação* [...] permite reconhecer melhor, no texto de *Grande Sertão: Veredas*, os

### *A Representação da Identidade Cultural...*

fragmentos esparsos de uma história criptografada, que o leitor é incentivado a reorganizar” (BOLLE, 2004, p. 9). Em *Grandesertão.br* Willi Bolle faz uma relevante discussão histórico-crítica do *GS:V* ao mesmo tempo em que reúne o que de melhor se produziu da fortuna crítica acerca da ficção rosiana. O resultado é um estudo profundo e abrangente de vários matizes presentes no romance e a defesa do papel constituinte de uma nação pela revisão histórico-literária.

### **A narrativa da identidade cultural**

O processo de formação cultural brasileiro caracteriza-se pelo fato de ter ocorrida a transplantação de Portugal, a antiga metrópole, para o Brasil colônia. Nessa perspectiva, antes de o Brasil adquirir certo caráter distintivo enquanto autonomia cultural esteve durante um bom tempo sob a égide do Portugal Império. Indubitavelmente, para o ocidente culto e letrado era natural que a vida cultural se visse refletida nas produções literárias. Ademais, a literatura exercia um poder de impor a ideologia dominante ao tempo em que exaltava o poderio da potência ultramarina portuguesa no século XVI, por exemplo.

Por outro lado, no caso brasileiro verifica-se uma imposição cultural pela metrópole portuguesa: a imposição linguística provocou o apagamento não apenas da língua nativa como também de visões de mundo alheias ao do homem civilizado europeu. O que se significa dizer que esse processo de transplantação cultural típico do sistema

*A Representação da Identidade Cultural...*

colonial foi a gênese da formação do complexo cultural brasileiro. Contudo, no que diz respeito à constituição identitária – que mais tarde se refletirá na literatura – a cisão entre a metrópole e a colônia se dará ao longo do desenvolvimento da literatura brasileira e da evolução da língua portuguesa falada e escrita no Brasil.

Nessa esteira, em *A identidade cultural na pós-modernidade* Hall (2000) defende a tese que a crise de identidade enfrentada pelo homem. Para ele, essa identidade encontra-se num *descentramento* que suscita outra percepção de identidade. Como a identidade nacional reflete o potencial imaginário de uma comunidade, a identidade particular também é influenciada por esse processo:

Uma cultura nacional é um *discurso* – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. [...] As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas estórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com o seu passado e imagens que dela são construídas (HALL, 2000, p. 51).

Noutras palavras, a história de um povo narra forja sua própria identidade. A ficção de uma identidade tem papel imprescindível nesse processo. Em suma, segundo Hall (200), a história de uma nação é “narrada”: “há a *narrativa da nação*, tal como é contada e recontada nas



histórias e nas literaturas nacionais, na mídia e na cultura popular” (HALL, 2000, p. 52).

A narrativa sobre o Brasil tingem-se de um viés mítico que funda uma realidade. A importância dessa narrativa é assinada por Hall (2000) quando define mito fundacional: “Eles fornecem uma narrativa através da qual uma história alternativa ou uma contranarrativa, que precede às rupturas da colonização, pode ser construída. [...] Novas nações são, então, fundadas sobre esses mitos” (HALL, 2000, p. 55). Com efeito, as narrativas revestem-se de um tom mítico fundacional criando a história de uma nação. No caso de *Grande Sertão*, a gênese da identidade nacional estaria no sertão em contraponto com o litoral. Acerca do sertão, Galvão (1986) assinala:

Dá-se o nome de *sertão* a uma vasta e indefinida área do interior do Brasil, que abrange boa parte dos estados de Minas Gerais, Bahia, Sergipe, Alagoas, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí, Maranhão, Goiás e Mato Grosso. É o núcleo central do país. Sua continuidade é dada mais pela forma econômica predominante, que é a pecuária extensiva, do que pelas características físicas, como tipo de solo, clima e vegetação. Embora uma das aparências do sertão possa ser radicalmente diferente de outra não muito distante – a caatinga seca ao lado de um luxuriante barranco de rio, o grande sertão rendilhado de suas veredas -, o conjunto delas forma o sertão, que não é uniforme, antes bastante diversificado (GALVÃO, 1986, p. 25-26).

Todavia, é preciso se atentar para a forma como a forjou-se a formação da identidade literária brasileira a partir das discussões sobre a gênese da literatura no Brasil. Para tanto, a leitura de Antônio Candido figura como imprescindível. Em *Iniciação à Literatura Brasileira*, Candido (1999) discorre sobre as peculiaridades que a nossa literatura possuiu na medida em que se dava o desenvolvimento dela. Resenhando sobre os diferentes períodos literários brasileiros, o notável crítico defende que no caso do Brasil houve um transplante de cultura literária trazida pelos colonizadores europeus. Esse fato incidirá sobre a constituição da identidade nacional brasileira, que “derivou” da cultura portuguesa imposta pela metrópole.

No entanto, observa Candido (1999), a partir da Independência (1822) o problema da identidade passa a ser discutido com afinco, chegando ao ponto de ser “solucionado” com a afirmação de um começo absoluto que negava a matriz portuguesa:

Tratava-se de uma atitude compreensível como afirmação política, exprimindo a ânsia por vezes patética de identidade por parte de uma nação recente, que desconfiava do próprio ser e aspirava ao reconhecimento dos outros. Com o passar do tempo foi ficando cada vez mais visível que a nossa é uma literatura modificada pelas condições do Novo Mundo, mas fazendo parte orgânica do conjunto das literaturas ocidentais. Por isso, o conceito de ‘começo’ é nela bastante relativo, e diferente do

*A Representação da Identidade Cultural...*

mesmo fato nas literaturas matrizes (CANDIDO, 1999, p. 11).

## **A formação do Brasil sob a perspectiva literária rosiana**

O regionalismo em *Grande Sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, se constrói pelo retrato da jagunçagem no sertão brasileiro que se torna um mote para profundas discussões filosóficas, literárias, sociais que podem ser lidos nas entrelinhas. A mestiçagem como processo de conformação do grupo étnico brasileiro e mesmo da identidade nacional pode ser vislumbrada nesse romance. Hollanda (2010) discute a gênese da constituição do Brasil em *Raízes do Brasil* e aponta para os fundamentos de uma sociedade colonial que deixaria como legado a perpetuação de privilégios e manutenção das desigualdades sociais.

Para o estudioso, *trabalho* e *aventura* seriam dois princípios que ajudam na compreensão dessa complexa realidade. Ao trabalhador é atribuída a estabilidade, paz e realismo: “enxerga dificuldade a vencer” (HOLLANDA, 2010, p. 44); já ao aventureiro cabe o imediatismo, a irresponsabilidade: ele espera “colher o fruto sem plantar a árvore” (HOLLANDA, 2010, p. 44). Ambos os processos, segundo Hollanda (2010), participam da mentalidade nacional e não há necessariamente uma oposição entre eles. Assim, o espírito aventureiro caracteriza os colonizadores e isso teria sido decisivo na constituição da vida nacional.

*A Representação da Identidade Cultural...*

Ora, no romance supracitado o espírito aventureiro dos jagunços é determinante nesse *modus vivendi*. Riobaldo adentra o sertão numa exploração geográfica e mítica. Ele é um sertanejo não só no sentido étnico, mas também no âmbito da mentalidade, isto é, ele reúne em si uma erudição transfigurada nas discussões filosóficas empreendidas pela sua oralidade. As fronteiras entre o inculto e o cosmopolita são rompidas. Nesse caso, a mestiçagem passa a ser entendida como elemento de criação literária, posto que ela figura como ponto de partida para o entendimento do próprio ser humano:

Vida e guerra, é o que é: esses tontos movimentos, só o contrário do que assim não seja. Mas, para mim, o que vale é o que está por baixo ou por cima – o que parece longe e está perto, ou o que está perto e parece longe. Conto ao senhor é o que eu sei e o senhor não sabe; mas principal quero contar é o que eu não sei se sei, e que pode ser que o senhor saiba (ROSA, 2001, p. 245).

Essas discussões tentem para a temática da nacionalidade brasileira tal qual refletida por Michel Debrun (1990), em *A Identidade Nacional Brasileira*, que indaga a respeito do que seria o brasileiro em face aos desníveis socioeconômicos e cosmopolitas do país. Não obstante a ideia de nação se apresentar como única, são perceptíveis divergências político-culturais. Infere-se, pois, uma desmistificação da

### *A Representação da Identidade Cultural...*

cultura brasileira e do ideário do nacional-popular. A preocupação central é a problemática busca dessa identidade nacional diante das disparidades do Brasil.

Nessa esteira, o que está em discussão também é a passagem de um Brasil rural para um Brasil urbano, como se entrevê nesse trecho em que Zé Bebelo, chefe de Riobaldo, está cercado pelas tropas de Hermógenes e pede o apoio do governo, numa carta, para acabar com a jagunçagem:

O teor era aquilo mesmo, o simples: que, se os soldados no soflagrante viessem, de rota abatida, sem desperdiçar minuto, então aqui na Fazenda dos Tucanos pegavam caça grossa, reunida – de lobo, jaguatirica e onça – de toda a jagunçada maior reinante no vezvez desses gerais sertões. A rasa, à justa, e cerrar com fecho formal: Ordem e Progresso, viva a Paz e a Constituição da Lei! (ROSA, 2001, p. 466).

### **Conclusão**

O regionalismo assim entendido procurou retratar não apenas uma realidade localista, mas também significou uma rica mescla do universal com o local. É nesse sentido que o fenômeno da mestiçagem, típico da conformação da nossa realidade, parece ter sido elevado ao patamar de estrutura literária. Em *Grande Sertão: veredas* o “sertão é o

*A Representação da Identidade Cultural...*

mundo”. Esta metáfora sinaliza a aproximação de realidades díspares, mas não excludentes e inverte a lógica normal (mundo por sertão), estabelecendo uma relação de equivalência para ambas as realidades. Riobaldo, pois, é um sertanejo com indagações inerentes qualquer homem em qualquer tempo. É um sertanejo, mestiço étnico e filosoficamente falando, questionando o mundo e suas verdades e a si mesmo.

Para além disso, a questão da identidade é um dos problemas abordados nessa obra. A ambiguidade que permeia todo o romance é personificada na figura de Diadorim, mulher que se traveste de homem. Ademais, a relação afetiva entre Riobaldo e Diadorim ora oscila entre uma amizade, ora expressa um grande amor contido pelas circunstâncias e pela própria questão de gênero.

Isso tudo é significativo quando se adota o prisma da mestiçagem para melhor compreender os processos de formação da identidade brasileira. Se o local pode ser universal, o nacional pode ser global. Nesse caso, a obra rosiana se insere no quadro maior do modernismo brasileiro quando rediscute temas, ainda que de forma diluída nas entrelinhas, que permearam a inteligência brasileira no século XX.

A mestiçagem não é só algo latente na sociedade brasileira como também – conforme defendeu Darcy Ribeiro – aquilo que a torna

*A Representação da Identidade Cultural...*

única no conjunto das nações. Reconhecer isso é, pois, reconhecer a nós mesmos perante o mundo. As diferenças étnico-culturais representam o nosso maior legado para a afirmação da nossa própria identidade.

## Referências

- BOLLE, Willi. **Grandesertão.br**: o romance de formação do Brasil. 1. Ed. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2004. (Coleção Espírito Crítico)
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 44. ed. São Paulo: Cultrix, 2007.
- CANDIDO, Antonio. **Iniciação à literatura brasileira**. São Paulo: Humanitas, 1999.
- DEBRUN, Michel. A Identidade Nacional Brasileira. In: **Estudos Avançados**. São Paulo, IEA/USP, vol.4 no. 8 Jan, Apr.1990 Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141990000100004&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141990000100004&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 16 jun 2016.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. **As formas do falso**. 2. Ed. São Paulo: Perspectiva, 1986. (Coleção Debates)
- HALL, Stuart. As culturas nacionais como comunidades imaginadas. In: **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A, 2000.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. Trabalho e aventura. In: **Raizes do Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 2010.
- PRADO JR, Caio. Sentidos da colonização. In: **Formação do Brasil contemporâneo – colônia**. São Paulo: Cia das Letras, 2011.

*A Representação da Identidade Cultural...*

RIBEIRO, Darcy. Sobre a mestiçagem no Brasil. In: SCHARCZ, Lilia., QUEIROZ, Renato S. (org.) **Raça e diversidade**. São Paulo: Edusp, 1996.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: veredas**. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.